

II INTERNACIONAL / Reportagem na Polónia

Crónica falhada sobre a guerra da Ucrânia



Um retrato de povoações devastadas por causa da guerra e também marcadas pelo Holocausto. Uma viagem arrepiante e surpreendente

Texto e fotos: Paulo Faria

É segunda-feira de Páscoa, feriado na Polónia. Saio de Lodz à uma da tarde com o meu amigo Stanislav, no carro dele. Vai levar-me visitar povoações nas redondezas onde há marcas da presença das comunidades judaicas que o Holocausto devastou. Antes de sair do hotel, mando uma mensagem a Yuliana, a refugiada ucraniana com quem tomei café ontem, em Varsóvia. Uma professora universitária de Kiev, uma mulher da minha idade, que me contou a sua história rocambolesca. Uma conversa em que o inglês criou alguns mal-entendidos. A guerra e o exílio deixaram Yuliana extremamente susceptível a uma simples palavra que considere fora do seu lugar, a uma afirmação sobre o passado histórico da Ucrânia que lhe soe mal, a um esforço de compreensão que lhe pareça uma generalização abusiva.

A primeira paragem com Stanislav será em Brzeziny, quinze quilómetros a leste de Lodz. Antes da guerra, setenta por cento da população da localidade eram judeus. Havia ali uma das sinagogas mais belas da região central da Polónia. Stanislav diz-me que, até há pouco tempo, quando alguém dizia «antes da guerra», toda a gente sabia de que guerra se estava a falar. Agora, quando alguém diz «antes da guerra», todos perguntam: «Qual guerra?»

A estrada de Lodz para Brzeziny está cortada. Os carros à nossa frente dão meia-volta. Stanislav contorna o

camião-cisterna que está parado, porque o condutor não consegue fazer a manobra. Pergunta a dois bombeiros quanto tempo vai durar a paragem. Eles respondem com ar cansado, sem tirarem as mãos dos bolsos. Stanislav diz-me que vai demorar pelo menos três horas. Há no meio do asfalto uma daquelas tendas que os socorristas montam para não se verem os mortos ou os feridos graves. Há dois carros espalmados um contra o outro, completamente carbonizados. Voltamos para trás, metemos por caminhos rurais de terra batida, apanhamos a estrada mais adiante. Em Brzeziny, a tal belíssima sinagoga, arrasada pelos alemães, deu lugar a uma superfície comercial para venda de materiais de construção. Os judeus, esses, foram todos chacinados. Enquanto fotografo as antigas casas dos judeus, Stanislav diz-me: – Se alguém te vir a tirar fotografias, o mais provável é achar que és um descendente de judeus que veio reclamar o património da família anterior ao Holocausto.

Fiquei a pé até às tantas a escrever a crónica, contando a história de Yuliana. Na mensagem que lhe enviei há pouco, pedi-lhe que me explicasse quais os estragos que o apartamento dela sofreu por causa do bombardeamento russo. É o único pormenor que me falta para completar o texto. Ontem, em Varsóvia, à despedida, perguntei-lhe se queria que alterasse o nome dela. Pediu-me apenas que não referisse o apelido.

Em Brzeziny, o cemitério judaico, situado numa encosta suave, foi vandalizado pelos ocupantes alemães. Fizeram o



mesmo em toda a Polónia: partiram as lápides, as matzevot, usaram-nas para pavimentar os caminhos e as estradas. Depois da guerra, as autoridades comunistas da povoação decidiram converter o cemitério judaico numa saibreira, para fabricar cimento. A encosta suave deu lugar a uma funda ravina, onde hoje cresce um pinhal. Está tudo repleto de lixo, principalmente garrafas de bebidas alcoólicas. Há vestígios de uma fogueira. É um lugar de diversão nocturna. Treparamos a ladeira íngreme, escorregamos, quase caímos. Lá do alto vê-se a zona nova de Brzeziny. Stanislav diz-me: «No pós-guerra, os prédios de apartamentos desta cidade foram construídos com as ossadas dos judeus.»

Em Ujazd, onde paramos a seguir, Stanislav sabe que, no cemitério católico, há uma lápide judaica que foi aproveitada para, na face oposta, gravar a lápide católica de alguém que morreu em 1970. Quando chegamos ao cemitério, ele encontra a lápide com facilidade, mas a parte de trás foi recentemente restaurada com cimento, para disfarçar a origem. Uma garota passa pela mão do pai, pergunta-lhe qualquer coisa. Stanislav diz-me que ela queria saber porque é que aquele homem está a tirar fotografias, e que o pai lhe explicou que o homem está a fotografar as flores. Ujazd era também uma povoação judaica. Tinha uma grande sinagoga. Os alemães mataram os judeus, mas não dinamitaram a sinagoga. Foi convertida depois da guerra em quartel dos bombeiros voluntários, porque já não havia fiéis para a frequentar. Stanislav aponta-me, na fachada e nas empenas, os contornos das grandes janelas que foram emparedadas. O quartel está fechado, não se pode entrar. Há nas paredes e no chão um tom pardacento que nenhuma luz parece capaz de alegrar. Também aqui o cemitério judaico foi vandalizado pelos alemães. No terreno, votado ao abandono, cresceu, também aqui, um pinhal espontâneo. Fica junto de uma fábrica de cimento.

Há quem tenha escavado no meio das árvores, erguendo montículos de terra arenosa para dar saltos e fazer acrobacias de motocicleta. Há garrafas de álcool vazias por todo o lado. Há montes de excrementos humanos, novelos de papel higiénico sujo. Depois do trabalho, os operários bebem um trago no pinhal, antes de voltarem para casa. Não há sinal das campas nem das lápides. No meio do lixo e dos excrementos, entre os pinheiros, uma longa saliência no terreno sugere um muro, talvez. Os ossos estão na terra, no meio das raízes.

Em Tomaszów, uma povoação de 60 000 habitantes, o cemitério judaico é contíguo ao cemitério católico. Stanislav estaciona o carro em frente ao portão do cemitério católico e diz-me: «Há duas maneiras de entrar no cemitério judaico. Há a maneira certa, que é procurar o responsável que tem a chave, mas nunca se encontra a pessoa, nunca se consegue. E há a maneira errada, que é a que toda a gente usa. Vamos optar pela maneira errada.»

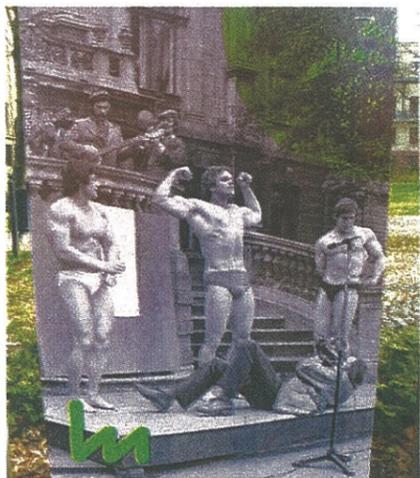
Tomaszów era um centro industrial, famoso desde o século XIX pela sua seda artificial, pelos têxteis e tapetes. Os operários eram polacos, viviam na zona pobre da cidade, os judeus e alemães, mais abastados, muitos deles proprietários de fábricas, viviam na parte nobre. Contornamos o muro do cemitério católico pelo lado de fora, dobramos uma esquina, no muro do cemitério judaico há remendos de betão a tapar buracos antigos. Mas, lá ao fundo, alguém rasgou, a picareta, um enorme buraco, que se percebe ser recente.

– Quem fez isto? – pergunto.

– Os moradores.

– Mas para quê?

Stanislav não se dá ao trabalho de me responder, porque, assim que cruzamos a abertura, vejo no chão amontoados de garrafas vazias de todos os tamanhos e feitios. O cemitério é enorme, invadido pelo arvoredado. Aqui, os alemães não derubaram as matzevot. Talvez planeassem



fazê-lo mais tarde. Usaram o cemitério para sepultar os judeus das povoações circundantes, que iam assassinando. A um canto do cemitério há um enorme amontoado de matzevot recolhidas na região, depois da guerra. Talvez aqui estejam as lápides de Ujazd, de Brzeziny. As lápides de baixo parecem cuidadosamente empilhadas. As de cima foram atiradas a eito. Sê calhar, foi o tempo que se encarregou de as fazer deslizar assim, derramando-as em volta. À saída do cemitério, quando tornamos a cruzar o buraco no muro, evitando pisar garrafas de vodka vazias, digo a Stanislav que há problemas de alcoolismo em Portugal, mas que, nessa matéria, tanto quanto me é dado ver, a Polónia parece jogar noutro campeonato. Ele diz-me: «Já foi pior, é a impressão que eu tenho. Os anos 90 foram duríssimos por aqui, as pessoas bebiam muito mais do que agora.» Quando entramos no carro, ele chama-me a atenção para a placa com o nome da rua. É a rua Smutna.

«Smutna» – explica-me – quer dizer «triste».

Encetamos o regresso a Lodz. Stanislav diz-me que passaremos por Bedków, para eu ver uma bela igreja gótica que ali existe. Entramos numa recta da estrada, com um renque de árvores de cada lado, e o campanário da igreja assoma ao longe. Vejo um homem a estatelar-se no chão, na valeta, lá adiante. «Atenção, alguém caiu ali», aviso. Stanislav encosta à berma. É um casal. Saímos do

carro, Stanislav aborda-os. O homem já se levantou, cambaleia. Iam os dois de bicicleta, as bicicletas estão tombadas no asfalto, com as rodas a girar em seco. A mulher tem um ar embrutecido, o olhar parado. Pergunto a Stanislav: «Estão bêbedos?» Ele: «Estão, mas ela ainda consegue andar.» Troca mais algumas palavras com a mulher, volta-se para mim, pergunta-me: «Levamos o homem a casa?» E eu: «Claro.» Tiro o casaco e a mochila do banco traseiro, guardo-os na bagageira, para dar espaço. O homem senta-se. A mulher explica a Stanislav o caminho para casa deles. Não é longe. Em três minutos, pomo-nos lá. O homem fala sem parar o caminho todo, gesticula molemente. Stanislav pára, ajuda-o a sair do carro, o outro dirige-se para casa, estaca diante do portão baixo do quintal fronteiro à moradia, a olhar. Vacila, como que sacudido pela brisa. Encosta-se a uma árvore. Quando se afastou de nós, vimos que tinha as calças ensopadas de urina. Encharcou também o banco traseiro do carro de Stanislav. Pergunto-lhe o que é que o homem disse enquanto vínhamos até cá.

– Agradeceu-nos muito, disse que éramos muito simpáticos. Que éramos as melhores pessoas que ele alguma vez conheceu na vida.

A mulher demora-se. O homem continua a caminhar ao longo da vedação, sem entrar no quintal, parece esconder-se atrás de outra árvore.

– Mas o que é que ele está a fazer?

– pergunto.

– Não faço ideia. Não pode estar a mijar, porque já fez o serviço todo aqui no meu carro.

– Reparaste que eles iam a sair da povoação, certo?

– Pois, mas mudaram rapidamente de planos.

A mulher nunca mais aparece. O homem cambaleia para trás e para diante. Eu e Stanislav permanecemos sentados lado a lado, no carro a cheirar a urina.

– O que é que a mulher te disse lá atrás, quando paraste o carro e os abordaste?

– Que o marido tinha caído, mas não estava bêbedo.

– Ah, não?

– Não. Ela disse: «Ele não está bêbedo, tem só uma perna partida.»

– Uma perna partida.

– Isso mesmo. Uma perna partida. Já agora, não sei se deste por isso, mas, no carro, a cada duas palavras, ele dizia «kurwa».

– Não, por acaso não reparei.

– «Kurwa» é o palavrão mais ordinário que podes dizer em polaco. Ele usou-o nas frases em lugar das vírgulas.

Pausa. O homem sentou-se no chão.

– De cada vez que viajo para o estrangeiro e as pessoas descobrem que sou polaco, há alguém que me grita logo: «Kurwa, kurwa!» E todos esperam que eu sorria.

Como se assim se estabelecesse entre nós uma espécie de cumplicidade.

Nova pausa.

– Ela já devia ter aparecido – comenta

Stanislav.

– Terá caído também?

– Vamos ver.

Stanislav arranca, arrepiando caminho. Chegamos ao lugar onde o homem se estatelou sem termos deparado com a mulher.

– Ela decidiu emancipar-se e começar uma nova vida longe de Bedków – sugiro. E ele:

– Bem, fizemos por eles mais do que fariam nove décimos das pessoas. Vamos embora.

Inverte de novo a marcha. Lá adiante, avistamos a mulher, que caminha, curvada, a empurrar as duas bicicletas, uma com cada mão.

– Ah, ela cortou caminho por um atalho – diz Stanislav.

Ultrapassamo-la, tornamos a parar junto à casa. O carro cheira cada vez mais a mijo. O homem desapareceu, não o vemos em lado nenhum.

– Vamos esperar por ela – sugere Stanislav.

Ela dobra a esquina, aparece, afogueada.

Stanislav abre a janela do meu lado, chama-a. Ela não o ouve. Tenta encostar as bicicletas à vedação, as bicicletas caem com estrôndo, primeiro uma, depois a outra, como se também elas estivessem embriagadas. Stanislav torna a chamá-la, ela aproxima-se do carro, com ar exausto. Stanislav explica-lhe que deixámos ali o marido há uns minutos, mas agora não sabemos para onde é que ele foi.

Ela fala em voz entaramelada, parece pedir a Stanislav qualquer coisa com insistência, quase num queixume, faz gestos atabalhoados, como se procurasse qualquer coisa na roupa. Ele diz-lhe que não, ela insiste, ele torna a dizer-lhe que não, sobe o vidro para cortar a conversa, arranca. Ela fica ali parada, a olhar para nós. Parece à beira das lágrimas.

– O que é que ela queria?

– Queria dar-nos dinheiro pelo nosso incómodo.

Ao entrarmos em Lodz, recebo duas mensagens sucessivas de Yuliana. Na primeira, descreve-me em pormenor os estragos que o apartamento sofreu por causa da explosão do míssil russo.

Na segunda, declara: «Acho que não é boa ideia publicares a minha história. Se quiseres contar às pessoas como é a guerra, terás de a ver com os teus próprios olhos.»

Fico tão desiludido e tão irritado comigo próprio que nada digo a Stanislav durante longos minutos.

– Uma perna partida... – comento por fim, já numa avenida de Lodz.

– Creio que era uma metáfora.

Não chegámos a ver a tal igreja gótica de Bedków. ■

Ler a versão em inglês/read the english version

www.jornaldofundao.pt

